

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

EMI LUARA PASSOS DE OLIVEIRA

EU LEMBRO E AOS POUCOS PROCURO ESQUECER
Histórias de mulheres sobreviventes para além da violência

Produto Jornalístico

Mariana

2024

EMI LUARA PASSOS DE OLIVEIRA

EU LEMBRO E AOS POUCOS PROCURO ESQUECER:

Histórias de mulheres sobreviventes para além da violência

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa

Mariana

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48e Oliveira, Emi Luara Passos De.
Eu lembro e aos poucos procuro esquecer [manuscrito]: histórias de
mulheres sobreviventes para além da violência. / Emi Luara Passos De
Oliveira. - 2024.
38 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Karina Barbosa.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Mulheres - Crimes contra. 2. Mídia social e sociedade. 3. Narrativas
digitais. 4. Violência contra as mulheres. 5. Vítimas. I. Barbosa, Karina. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 343.54-055.2

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Emi Luara Passos de Oliveira

**Eu lembro e aos poucos procuro esquecer:
histórias de mulheres sobreviventes para além da violência**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 17 de outubro de 2024.

Membros da banca

Dra. Karina Gomes Barbosa - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Hila Rodrigues - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Mariana Barbosa Gonçalves - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Karina Gomes Barbosa, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/12/2024



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/12/2024, às 19:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0822238** e o código CRC **1D2987FF**.

A todas que precisaram sobreviver e àquelas que não conseguiram.

“Marianne tinha a sensação de que sua vida real acontecia em outro lugar, bem distante dali, acontecia sem ela, e não sabia se um dia descobriria onde era e se seria parte dela.”

(Pessoas Normais, livro de Sally Rooney)

AGRADECIMENTOS

Não poderia pensar em começar a agradecer sem falar dos meus pais. Força e esperança na minha vida. Agradeço por terem me dado o nome, os olhos e a vida. Por me encherem de livros, música e arte, em todas as suas formas. Por me inspirarem a ser quem sou.

Mãe, Margarete, obrigada por ser a minha maior fã, por nunca me deixar cogitar a desistência e por acreditar em mim como ninguém. Foi de você que puxei o meu jeitinho, de defender o que acredito e de não abaixar a cabeça quando é preciso. De saber rir da vida. Te amo mais que tudo e não imagino a minha história sem você. Não imagino ser quem eu sou sem conhecer quem você é. Você é parte fundamental de quem sou e de quem sonhei em ser a vida inteira. Obrigada por me inspirar a ser uma mulher forte, por ser carinhosa e me dar aquilo que não recebeu. Valorizo seu sacrifício e amo seu jeito de amar. Saiba que eu também sou sua maior fã.

Pai, Rogério, obrigada por ser o meu maior acolhedor, por me manter leve e por torcer por mim sempre. Obrigada por fazer tudo o que está ao seu alcance (e o que não está) para me ver feliz. Gosto de me olhar no espelho e ver que levo o seu brilho no olhar. Você me mostra que é possível sonhar e realizar, que o mundo pode ser um lugar melhor e que a melhor escolha é a gentileza. Te amo mais que tudo e amo o som da sua risada quando o mundo ao redor está desmoronando. Amo o seu abraço quando eu estou desmoronando. Obrigada por ajudar a minha ansiedade dizendo que vai dar tudo certo. Obrigada por me ajudar a fazer dar certo, sempre.

A minha formação, enquanto profissional e ser humano, não ocorreu de forma individual. Sem apoio, estrutura e comunidade, nada disso seria possível. Sou eternamente grata.

A produção deste Trabalho de Conclusão de Curso contou com a participação de pessoas fantásticas. Agradeço, em primeiro lugar, às mulheres que contaram suas histórias e tiveram a coragem de abrir seus corações, representando tantas outras. Durante a execução desse livro, tocamos juntas em nossas cicatrizes mais profundas e dividimos emoções. Espero atender às suas expectativas ao contar nossas histórias, levando-as em frente, com compaixão e verdade.

Agradeço a meus familiares, tios e primos, dos dois lados, que sempre querem saber como está a graduação, ouvir sobre meus sonhos de carreira e mostrar que estão orgulhosos dos passos trilhados. Em especial, agradeço aos meus padrinhos, Luciana e Herivelto, e aos seus filhos, que se fazem presentes das formas mais gentis na minha vida e me incentivam de todas as maneiras. Agradeço também ao meu avô, Geraldo, que estaria muito orgulhoso. Ele me elegeu, desde pequena, sua netinha do coração. Quando eu me sentia tão deslocada no mundo, isso me deu um senso de pertencimento e amor do qual nunca vou esquecer. Amo todos vocês.

Sou grata pelos educadores que passaram pelo meu caminho, tanto na faculdade quanto antes dela. Nasci em duas famílias de professores e cresci dentro de escolas. Nem consigo mensurar a gratidão que tenho àqueles que acreditaram em mim, me desafiaram e aperfeiçoaram minhas habilidades. Me ensinaram o conteúdo e muito mais. Grata, principalmente, às professoras e aos professores de redação, que destacavam um talento que eu nem sempre enxerguei.

Pensando em educadores que me marcaram, conheci uma delas na eletiva de Tópicos Especiais em Redação Jornalística. Uma didática inconfundível e paixão pelo fazer jornalístico, que me fascinou. Muito obrigada, minha orientadora Karina Gomes Barbosa. Aprendo contigo desde que te conheci e me permitiu ser editora da Revista Relato, quando eu estava no quinto período. Se eu for uma pequena parcela do que você é enquanto profissional, ficarei feliz. Obrigada por estar presente, me ensinar tanto e ser decisiva na minha trajetória.

Aos amigos que trago de antes da universidade, obrigada por manterem contato mesmo com as muitas horas de distância e por respeitarem o meu sumiço (e histeria) nas datas de finalização de revistas e jornais do curso e, inclusive, para terminar este projeto. Amo vocês.

Aos amigos que fiz na faculdade, só eu sei o quanto vocês mudaram a minha vida. Amo vocês e agradeço todos os dias pelas aproximações que tive. Foi uma maluquice encontrar um grupo de pessoas que amam o que eu amo, que me amam como eu sou e que o peito explode de saudade, de cada amigo que está em um canto diferente do Brasil. Obrigada.

Preciso agradecer a mim. À pequena Emi que precisou sobreviver ao inimaginável e que motivou a escolha deste tema. Agradeço a ela, pela força que me deu ao tratar de algo que nos machucou e por ter se reconstruído para que a Emi adulta pudesse existir.

Finalizo agradecendo a todos que cruzaram meu caminho, da minha psicóloga às funcionárias das escolas que frequentei, monitoras e equipe de limpeza, que conversavam comigo sobre tudo. Todas as pessoas que me atravessaram tornaram o caminho mais interessante e lindo. Agradeço por essa vida e por todos que acreditam em mim.

RESUMO

Este memorial consiste nas reflexões teóricas e bibliográficas que se relacionam com a produção do livro de perfis *Eu lembro e aos poucos procuro esquecer: Histórias de mulheres sobreviventes para além da violência*, produto de Trabalho para a Conclusão de Curso de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Guiado pelos conceitos de violência de gênero e perfil, o livro apresenta relatos de mulheres sobreviventes de violência. O memorial aqui apresentado evidencia a discussão teórica, as escolhas por trás do projeto gráfico e as reflexões acerca do processo de redação, apuração e entrevista.

Palavras-chave: livro de perfis; perfil; violência de gênero; sobreviventes; relato; mídia.

ABSTRACT

This memorial consists in theoretical and bibliographical reflections that relate to the production of the profile book “*I remember and little by little I try to forget: Stories of female survivors beyond violence*”, product of Work for the Conclusion of the Bachelor's Degree in Journalism at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). Guided by the concepts of gender violence and profile, the book presents reports from women who survived violence. The memorial presented here highlights the theoretical discussion, the choices behind the graphic project and the reflections on the writing, investigating and interviewing process.

Keywords: profile book; profile; gender violence; survivors; report; media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1, 2 e 3 - Combinação de referências visuais.....	27
--	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NO JORNALISMO.....	12
3. PERFIS.....	16
4. PLANO DE TRABALHO.....	20
5. O PRODUTO.....	24
5.1 PAUTA ESTENDIDA.....	24
5.2 PROJETO GRÁFICO.....	27
6. DIÁRIO DE BORDO.....	29
7. ANÁLISE DO RESULTADO.....	32
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1. INTRODUÇÃO

A representação de sobreviventes de violência na mídia é construída, em diversos casos, de forma problemática. Consciente ou inconscientemente, utiliza-se do imaginário social estereotipado e das concepções de gênero da sociedade patriarcal para a criação de uma imagem deturpada ao tratar de mulheres violentadas e de seus agressores.

No livro de perfis *Eu lembro e aos poucos procuro esquecer*, a partir de pesquisa, investigação e diálogo, o objetivo principal é subverter essa ordem de raciocínio e possibilitar que as mulheres sobreviventes de violência possam contar suas próprias histórias, sem que sejam reduzidas ao acontecimento. Em adição a este propósito, o produto jornalístico pretende representar o feminino de outra maneira, fugindo de estereótipos e expondo características que se sobressaem à concepção do “lugar da vítima”.

Dessa maneira, faz-se necessário, além de analisar a participação da mídia na culpabilização e exposição das mulheres, também produzir um livro que inverta a narrativa. A pesquisa em questão, composta por produto e memorial descritivo, é válida para que a história dessas mulheres possa ser contada através de seus próprios olhares e de forma ética, como lhes é direito. O produto se propõe a contar as histórias não contadas e, possivelmente, esquecidas, auxiliando um processo adequado de representação feminina.

Sendo assim, uma relação paradoxal é realizada ao dialogar com mulheres que têm um fator em comum: a violência sofrida, evidenciando, contudo, que elas não são rotuladas por essa violência e têm direitos sobre a contação de suas narrativas. Ademais, utiliza-se como inspiração ao produto veículos que tratam do tema de maneira sensível, como a *Revista AzMina*, disseminadora de informação, tecnologia e educação no combate à violência de gênero. Ainda que haja a análise de meios de comunicação como mantenedores de estereótipos, também é preciso destacar a existência de materiais orientados pelo eixo da justiça social e dos direitos humanos.

2. VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NO JORNALISMO

Por ser um produto social e simultaneamente existir na sociedade, o fazer jornalístico e a comunidade em que ele existe retroalimentam-se. Nesse sentido, ele pode ocupar diferentes posições e, conseqüentemente, ter impactos em níveis distintos: agir como um aliado dos avanços igualitários ou ter um papel de reforço aos estereótipos do imaginário social (Miranda, 2017), por exemplo. É o que muito acontece em relação às violências sofridas por minorias ou grupos minorizados, o que faz com que as vítimas sejam invisibilizadas, hostilizadas ou até mesmo desumanizadas, como explica Correia (2009), ao tratar sobre a cessão ou reprodução de padrões sociais por meio da comunicação.

Colocando-nos no plano da cidadania: será que a linguagem jornalística é sobretudo um espaço de prolongamento e de reprodução das formas de dominação social ou pode constituir-se também como lugar de afirmação de pluralidades e de resistência à dominação? (Correia, 2009, p. 170).

Mesmo que esse processo não seja intencional, ele pode acontecer devido às amarras estruturais que permeiam a sociedade. Logo, um/a comunicador/a pode perpetuar tabus, mesmo que não seja o seu objetivo, pois esses valores já estão entranhados em suas crenças, ainda que não os perceba.

As ditas amarras, que permeiam os imaginários sociais, acabam por instituir concepções de papéis de gênero e do caráter punitivo que se associa a grupos minorizados. Sendo assim, a não-performance desses papéis também acarreta a desumanização do ser e a violência em diversos âmbitos.

Assim, como uma estratégia de sobrevivência, o gênero é uma performance que envolve conseqüências claramente punitivas. A distinção de gênero faz parte da “humanização” dos indivíduos dentro da cultura contemporânea; assim, quem não efetua a sua distinção de gênero de modo adequado é regularmente punido (Butler, 2018, p. 6).

De acordo com Bruno Souza Leal e Carlos Magno Camargos Mendonça (2019), a violência contra pessoas LGBTQIA+ e mulheres heterossexuais no Brasil é simultaneamente presente e ausente, visível e invisível nos jornais pesquisados. Isso porque a documentação, por vezes genérica, por outras brutal, da cobertura de violências de gênero e sexualidade não apenas banaliza esses casos, como também pode espetacularizá-los e reafirmar estigmas a eles associados. De toda forma, grupos minorizados são violentados, seja pela atribuição de

culpa à vítima, pelas tentativas de normalizar o que ocorreu a ela, com perguntas como “quais roupas estava usando? O que fez para provocar?”; ou por formas de representação desumanizadoras na imprensa.

É o caso de fotografias jornalísticas analisadas por Leal e Mendonça (2019), em que, nos episódios de violência de gênero, não dizem realmente sobre a violência ou quem a praticou, mas mostram cenários superficiais indiretamente ligados ao tópico. É o que explicam os autores ao citar matérias do jornal SuperNotícia:

Nos três casos, as fotografias pouco dizem sobre os crimes e seus personagens principais (vítimas, agressores, investigadores, testemunhas etc.), pois trazem apenas cenários genéricos, que podem ser associados a diferentes lugares do Brasil e mesmo da América Latina. Tomadas isoladamente, essas três fotografias são uma espécie de enigma: o que fazem elas ali? São meras ilustrações? Indicam precariedade das condições de produção do jornal? São materializações de escolhas editoriais equivocadas? (Leal e Mendonça, 2019, p. 267).

Por conseguinte, Leal e Mendonça exploram a dissonância entre as coberturas de casos de violências de gênero e sexualidade e como ambas, mesmo que diferentes, agem de maneira problemática. Visto que, em casos de mulheres violentadas, há a invisibilização e o tratamento vago do tema, enquanto no caso dos sujeitos LGBTQIA+ há a visibilidade grotesca e expõe-se sobreviventes de forma igualmente violenta ao próprio crime sofrido.

Pensando na invisibilização das vítimas em detrimento da preservação da imagem do agressor, é possível visualizar a sutil (e talvez inconsciente) tentativa de legitimação de crimes de violência contra a mulher e culpabilização da vítima. A invisibilização não está apenas na forma de contar as histórias, como também na escolha de quais histórias são contadas, já que “a pobreza expressiva do relato que estabelece os fatos ajuda a entender a naturalização do que ocorre” (Leal e Antunes, 2018, p. 285).

Casos que passam por apurações fracas, de baixa densidade informativa, também podem estar incluídos, de forma indireta, no fortalecimento de preconceitos. Isso porque não é suficiente narrar o acontecimento, mas também prestar atenção aos detalhes e dar a oportunidade de a vítima explicar o que aconteceu pela sua ótica, sem reduzi-la ao ocorrido, como se sua existência fosse apenas aquilo. Portanto, deve-se ter atenção à precisão dos fatos e, neste caso, à explicação do que é doloroso nos relatos, sem esquecer-se de tratar do entorno.

Segundo a pesquisa desenvolvida por Pan et al. (2021), a representação feminina construída pela mídia brasileira em situações de violência também é questionável. Faz-se comum a divulgação de informações pessoais das vítimas, enquanto em 60,37% das notícias de violência contra mulheres analisadas na investigação, o agressor é tratado como suspeito pelo veículo, além de ter seus direitos e informações preservadas.

Desde a pré-apuração até a formulação do roteiro de perguntas, é necessário exercitar a competência jornalística e a alteridade. É preciso, mais que se colocar no lugar do outro, realizar trocas com este outro para compreender que lugar é este e, a partir disso, construir uma narrativa. Dificilmente uma história terá apenas um lado, contudo, é essencial que comunicadores saibam checar as informações e entender que a sua representação da narrativa também importa no processo de compreensão de quem a consome. Para Correia (2009), comumente, é construída uma narrativa estandardizada e estereotipada, que recorre a dispositivos adquiridos e aceitos socialmente.

A relação entre as instituições noticiosas e a sociedade revela uma estrutura imanente aos enunciados jornalísticos que mantém uma certa relação com o senso comum e que ajuda a orientar os consumidores na sua relação com o mundo. O profissionalismo jornalístico – destinado a produzir um tipo de relato assente em pressupostos aceitáveis por todos – implica que os media sobrevivem operando dentro das fronteiras do que é admitido socialmente, reproduzindo os significados objectivamente partilhados. (Correia, 2009, p. 172).

Além da construção do ideal do feminino em notícias, a forma de narrar relatos de mulheres também pode existir na mídia como uma segunda violência. Karina Gomes Barbosa e Rafiza Varão (2021) analisam como o jornalismo enquadra narrativas testemunhais de estupro, evidenciando as tensões entre as verdades das vítimas e as verdades jornalísticas no relato testemunhal. Nesta análise, ressaltam as contradições da imprensa dita feminina, que teria, em teoria, o objetivo de representar narrativas pela percepção das sobreviventes, mas acaba fugindo da criticidade necessária para tratar de tais temas.

O que chamamos de imprensa feminina (e anteriormente identificamos como o ‘jornalismo dito feminino’), categoria na qual Marie Claire é enquadrada, traz já em suas marcas arqueológicas a proximidade com os *fait divers*¹, embora não necessariamente recaia sobre o completamente inesperado ou inominável, mas nas beiradas do inútil, do pouco sério, do folhetinesco, do chocante passageiro, do que deve ser consumido pelas vias do entretenimento e menos sob o ângulo do notório interesse público (Gomes Barbosa e Varão, 2021, p. 586).

¹ “aquela ‘franja do real em que o inesperado, o bizarro, o assassinio, o incidente, a aventura, irrompem na vida quotidiana” (MORIN apud WOLF, 2002, p. 103).

Ao contar a história de uma sobrevivente, além da empatia, é preciso ter estudo. Para narrar a história de uma pessoa que ficou marcada pela violência sexual, há carência de compreender como o machismo opera na sociedade; para relatar a violência racial sofrida, é necessário estudar as estruturas racistas que permeiam o país e o mundo, e assim por diante. O aprofundamento teórico é indispensável, mesmo para contextualizar a violência narrada, posicionar-se contra ela e realizar uma cobertura bem informada.

Além de narrar histórias de sobreviventes, o livro *Eu lembro e aos poucos procuro esquecer* também pretende fazê-lo de uma maneira contra-hegemônica. Entende-se aqui, contra-hegemônica como prática de resistência aos discursos e sistemas dominantes, buscando contestar os ideais do sistema capitalista (Sullivan, Spicer e Böhm, 2011) e patriarcal.

Assim, neste trabalho, além da conscientização social através do jornalismo pela perspectiva de gênero que a pesquisa se dispõe a prestar, é nítida a conexão de estudos com o campo da comunicação em relação à questão de gênero na mídia. Dessa forma, há uma contraposição entre o uso do jornalismo para a produção de padrões, narrativas estandardizadas e mercadológicas *versus* a contação de realidades plurais e a multiplicidade de visões. A ideia aqui é de romper com ideais dominantes através do fazer jornalístico. Karina Gomes Barbosa e Rafiza Varão (2018) elencam princípios para o que seria um jornalismo com perspectiva de gênero.

Um deles é o de que a investigação se dá na perspectiva das experiências das mulheres, de modo que possam compreender a si mesmas e o mundo; e, nessa tarefa, se unem a outros enfoques “inferiores”, estudando “de baixo para cima” e colocando o investigador no mesmo nível do objeto de investigação (Gomes Barbosa e Varão, 2018, p. 17).

As autoras trazem a possibilidade de pensar em um fazer jornalístico que revele as crenças e práticas culturais de quem produz a informação, assim como a própria experiência singular. Dessa maneira, a reflexão sobre as práticas jornalísticas e o jornalismo com perspectiva de inclusão pode visibilizar vozes subalternas e ir contra discursos hegemônicos no campo midiático.

3. PERFIS

Para além de uma entrevista, o perfil é a construção de uma história. Marta Maia (2020, p. 52) define perfil como “uma composição textual discursiva do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as perspectivas adotadas na escolha do perfilado, na captação e na edição”.

Nesse sentido, pode-se compreender que a construção de um perfil parte também do princípio de seletividade, pois mesmo que haja o diálogo sobre diversas etapas da história do perfilado ou da perfilada, a seleção de informações dependerá de quem o escreve. Este trabalho é de extrema responsabilidade, já que é necessário um olhar delicado – ao mesmo tempo que técnico – para definir o que se deve ressaltar, ou não, sobre a vida de alguém.

Maia (2020) afirma também que a redação de um perfil precisa envolver conhecimento, sensibilidade, sensualidade e coragem. Ademais, é preciso pensar sobre como a escrita desta narrativa atravessará a concepção das pessoas sobre o perfilado e a compreensão do perfilado sobre si mesmo. Essa escrita existe com o propósito de reforçar “mais do mesmo” ou de contar uma história à parte dos preconceitos já atribuídos pelo meio social?

Em entrevista ao *Ariadnes*, observatório de gênero e mídia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a jornalista Adriana Negreiros falou sobre a construção de seu livro *A vida nunca mais será a mesma*. Sobre a prospecção de personagens e a forma de narrar, ela conta que formou um conjunto de histórias, com diferentes perspectivas sobre o abuso sexual, e reuniu as personagens mais significativas à obra para a realização de entrevistas. Logo, para a construção da reportagem, foi necessário envolver-se com a pesquisa e respeitar o tempo de cada perfilada.

Eu passava o dia inteiro envolvida com essa pesquisa. Os dias em que tinha que fazer as entrevistas eram os piores, porque eram relatos muito, muito complicados de ouvir. Muitas vezes, as personagens não conseguiram contar de primeira o que havia acontecido, elas pediam para que a gente conversasse depois, em outro momento, para que elas pudessem se recompor (Negreiros, 2023).

Assim como a violência perpassa o livro de Negreiros, sendo um elemento crucial, o mesmo acontece neste produto. Visto que a intenção de *Eu lembro e aos poucos procuro esquecer* é atribuir o protagonismo às sobreviventes de violência na forma como são narradas

suas histórias, o elemento “violência” será um denominador comum na seleção dos perfis, sem reduzir as perfiladas a ele. Basicamente, tendo em mente: uma mulher que sofreu violência não deve ser definida pelo que aconteceu com ela, mas o que aconteceu modificou sua vida e forma de viver, e ela tem o direito de falar sobre isso.

Não apenas no jornalismo, mas em qualquer profissão exercida por um ser humano com opiniões, conhecimentos, valores e bagagens psicológicas, não existe neutralidade. Inclusive, como ressaltam Gomes Barbosa e Varão (2018, p. 15), “a associação entre a objetividade e o masculino atravessa a constituição e institucionalização históricas do conhecimento”. Sendo assim, mesmo o que se diz objetivo e imparcial está regado de ideais estruturais pré-concebidos e, em produtos que tratam (ou não) de gênero, esses ideais são perpassados por uma sociedade patriarcal.

O movimento de reflexividade nas práticas jornalísticas é capaz, portanto, de incluir vozes subalternas e revelar como os valores da imparcialidade e da objetividade – que aqui tratamos como objetivismo – servem para ocultar essas vozes diversas, os conflitos que elas carregam consigo e, assim, perpetuam discursos hegemônicos no campo midiático. A objetividade deixa de ser marcada por um topos bem definido, e se constrói como a possibilidade de um discurso que carrega o trajeto das vozes que o dizem e atravessa e corrói o cânone que apaga os traços do subjetivo (Gomes Barbosa e Varão, 2018, p. 18)

Ainda que o jornalismo e, neste caso, o gênero perfil, tenham posições e sejam arraigados às crenças de quem os produz, é preciso utilizar da ética e profissionalismo para não corroborar com a desinformação. Por exemplo, no produto em questão, mesmo que a sensibilidade ao escutar e narrar os relatos de violência esteja presente, não deve-se utilizar da exposição das mulheres em caso algum, ou de espetacularização da violência. Esses processos iriam, justamente, contra tudo aquilo que o livro se propõe a ser.

Com a agilidade do mercado, os ideais de objetividade e neutralidade, e o desespero por furos e cliques, a informação propagada por veículos de comunicação tende a utilizar de *click baits*, os caça-cliques sensacionalistas, para atrair acessos. Rapidamente as informações se espalham e os usuários das redes sociais passam a expor diversas opiniões sobre uma informação que, em primeira instância, nem era verdadeira.

Assistimos e participamos, assim, das mais variadas narrativas configuradas na sociedade contemporânea. Por certo, é bom refletir de que maneira a ampla circulação de formas simbólicas acionam esses relatos e quais os mecanismos que a sociedade utiliza para essa propagação de ideias e histórias (Maia, 2020, p. 36).

Para a construção de um perfil, é obrigatório ter paciência em relação à produção, mesmo que ele seja sobre uma figura de destaque, com prazos curtos e delimitados. Isso porque, ao construir uma narrativa sobre o outro, além de levar em consideração a trajetória do perfilado, deve-se levar também em conta o que esse perfil diz sobre as defesas de quem o produz. Portanto, se quem o escreve defende uma narrativa transgressiva e contra-hegemônica, o produto não pode estar mergulhado em inverdades ou informações tendenciosas.

Nessa visada transgressiva, ousar dizer que a escrita de um perfil pode romper com estereótipos historicamente apresentados pelo poder constituído ao inscrever a pluralidade identitária em sua produção. Ao ser contaminado por essas ideias, o jornalista pode extrapolar uma leitura reducionista da sociedade, conseguindo assim desviar seu olhar dos recortes medíocres a que foram definidos os seres humanos pelos “guardiões” da moral e da mesmice. Vale ressaltar que esse é um campo dos possíveis, afinal nem sempre é possível romper com certos parâmetros da prática cotidiana. Exemplifico essa questão com algumas ideias expostas no livro *A Cidade, o inquisidor e os ordinários*, premiado romance de Carlos de Brito e Mello (Maia, 2020, p. 37).

Ao pensar na construção de perfis que envolvam o recorte de gênero, é preciso analisar cada história levantada e também o seu contexto. Logo, há necessidade de uma abordagem interseccional e um enquadramento contextual, que possibilitem um olhar de cada caso enquanto elemento social e, ao mesmo tempo, de suas particularidades. Como a escrita se propõe a ser disruptiva, não se deve deixar de lado os demais recortes dentro do recorte de gênero, como mulheres racializadas e mulheres trans, por exemplo. Entendendo violência como o ato intencional de ferir, em todas as esferas (física, psicológica, patrimonial, sexual etc) e visto que cada violência é uma violência, é fundamental analisar a raiz e os efeitos de cada uma, analisando também a sociedade que as constrói.

Com as transformações nos sistemas e meios de comunicação, perdeu-se parte dos recursos utilizados na escrita dos perfis e também da sensibilidade no tempo de escrevê-los. Sérgio Vilas Boas (2003, p. 28) ressalta o empobrecimento dos textos de perfil ao afirmar que “o texto enriquecido com recursos literários perdeu importância no jornalismo tradicional”. Até porque, muitas vezes, os espaços para perfis e narrativas jornalísticas plurais não estão no jornalismo tradicional e predominante, mas em espaços disruptivos, independentes ou contra-hegemônicos. Por exemplo, em uma sociedade que opera a favor do capital e, usualmente, exalta a agilidade do lucro em detrimento da pesquisa e dos valores éticos, decidir-se em prol da justiça social torna-se um ato contra-hegemônico na indústria midiática.

O que aparece nas revistas de hoje não são as sutilezas do encontro, a pessoa por trás do mito ou a capacidade de observação do autor. (...) O que emerge são intrigas de bastidores, a invasão consentida, estimulada e premeditada da privacidade, da preocupação de alguns jornalistas com o próprio marketing pessoal e o sedutor ofício de caricaturar gente bonita que “passa” na TV” (Vilas Boas, 2002, p. 28 - 29).

Vale lembrar que nem sempre o comunicador responsável pela estandardização das narrativas a favor do lucro tem consciência - ou direito de escolha - desse processo. Como dito anteriormente, o trabalho jornalístico que reforça tabus e se coloca a favor de concepções pré-definidas também pode ser inconsciente, pela força das amarras instituídas socialmente.

Este ponto conecta-se com o pensamento de Marx (1987, p. 30), já que sua tese defende a existência das relações alienadas, ou seja, que os seres humanos acabam entrando em relações de produção alienantes, mesmo que não seja essa sua vontade, para garantir a sobrevivência. “O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência”.

De qualquer forma, uma vez que a consciência desse processo e de sua construção histórica é tomada, é ideal que o/a jornalista utilize de artifícios contrários à ordem preponderante firmada em estereótipos. E, como coloca Vilas Boas (2003, p. 29), não desperdice “oportunidades ímpares para a observação” ao redigir um perfil.

4. PLANO DE TRABALHO

Eu lembro e aos poucos procuro esquecer pretende construir perfis de mulheres sobreviventes de violência através de seus próprios olhares, indo além da violência sofrida. De acordo com Márcio Seligmann-Silva (2019), contrário à ideia de espetacularização da dor, faz-se necessário o entendimento do testemunho em toda a sua complexidade. Logo, deve-se observar o/a perfilado/a com alteridade e empatia, sem aproveitar-se da vulnerabilidade do relato.

Ao invés de reduzir o testemunho ao paradigma visual, falocêntrico e violento (que tende a uma espetacularização da dor), e sem esquecer testis a favor apenas de superstes, minha proposta é entender o testemunho na sua complexidade enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles relacionam-se também de modo conflituoso. O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível entre o “real” e o simbólico, entre o “passado” e o “presente” (Seligmann-Silva, 2019, p. 5).

Ao tratar das narrativas de vítimas sob sua própria ótica, neste produto, os relatos serão mantidos em anonimato, a partir da substituição de nomes, e não haverá imagens das perfiladas. Esse processo tem como um dos objetivos a manutenção da privacidade e segurança das sobreviventes, para que possam tratar de suas histórias sem serem expostas ou colocadas em situações de risco, bem como não expor as pessoas envolvidas nos relatos. A decisão é semelhante a de Adriana Negreiros (2021), no processo de escrita do livro *A vida nunca mais será a mesma*, em que, ainda que personagens quisessem revelar seus nomes, a autora decidiu que não o faria. Isso porque ao contarem suas histórias, as sobreviventes contam também histórias de outras pessoas. Assim, neste projeto, além do sigilo de nomes e informações pessoais das sobreviventes - que poderiam identificá-las - também há a ocultação dos nomes e detalhes de seus agressores, familiares e personagens participantes das histórias.

Ainda segundo Seligmann-Silva (2019), o testemunho de um/a sobrevivente vem a ser assombrado pela culpa da sobrevivência e pelo sentimento de irrealidade da situação vivida. Assim sendo, para a construção deste livro é fundamental a criação de um ambiente seguro, que provenha a validação e explicita a importância de retratar essas narrativas.

O negacionismo, neste caso, é apenas um caso particularmente radical de um movimento que acompanha o gesto genocida. O genocida sempre visa à total eliminação do grupo inimigo para impedir as narrativas do terror e qualquer possibilidade de vingança. Os algozes sempre procuram também apagar as marcas

do seu crime. Esta é uma questão central, que assombra o testemunho do sobrevivente em mais de um sentido. Em primeiro lugar, porque o sobrevivente vive o sentimento paradoxal da culpa da sobrevivência. A situação radicalmente outra, na qual todos deveriam morrer, constitui sua origem negativa. A indizibilidade do testemunho ganha com este aspecto um peso inaudito. Mas o negacionismo é também perverso, porque toca no sentimento de irrealidade da situação vivida (Seligmann-Silva, 2019, p. 10).

Além disso, para a gestação do produto, é essencial o aprofundamento em cada área abordada, com o andamento da pesquisa. Como coloca Veena Das (2016, p. 11), “a própria formação, por parte das mulheres, de suas posições de sujeitos, embora atoladas nessas construções, não é completamente determinada por elas”. Então, para tratar de testemunhos das mulheres, é indispensável o entendimento dos temas que perpassam os relatos e, para uma abordagem revolucionária, é preciso conhecer a fundo as engrenagens do sistema.

Como pontuado por Lopes (2020), com a compreensão do uso da violência de gênero como um mecanismo para subserviência e dominação, torna-se imprescindível a busca pela transformação. Este é o propósito da escuta ativa na obra: a ampliação dos recursos para a construção da representação feminina.

Aquelas cujo comportamento transgride o padrão de feminilidade associado à subserviência, são acusadas de provocarem de alguma forma a violência que sofreram. Há nisso um entrelaçar entre as figuras das vítimas de feminicídio e da bruxa, coberto por um estereótipo patriarcal que não somente as pune, mas também as culpabiliza por tal punição. Assim sendo, entendermos o uso da violência como um instrumento de dominação nas relações de gênero é essencial para que busquemos os caminhos da dissolução da mesma através da consolidação legislativa e das políticas públicas de proteção e acolhimento às mulheres vítimas de violência (Lopes, 2020, p. 30).

Por conseguinte, além de compreender a violência presente no testemunho, em todas as suas esferas e desdobramentos, quem conta a história após ouvi-la de quem a vivenciou, deve compreender o poder da narrativa e a capacidade de construção de realidades que dele advém. Poder este que vem acompanhado de responsabilidade, já que o testemunho, nesse caso, pode ter resquícios da formação comunitária e socialização, permeadas por imposições violentas. Para Das (2016), a violência pode se infiltrar nas relações e tornar-se uma atmosfera inescapável. Em vista disso, o papel da exposição do testemunho, aqui, também é o de desmistificar o senso comum da própria sobrevivente, quando se trata de violência de gênero, como a sensação de culpa, por exemplo.

Em vez de olhar para esse contraste no nível do imaginário tal como articulado na mitologia e na literatura, quero levar o argumento numa outra direção. O que é dar testemunho da criminalidade da regra social que entrega a natureza única do ser ao eterno esquecimento pela descida à vida cotidiana – não simplesmente para articular a perda através de um gesto dramático de desafio, mas para habitar o mundo, ou habitá-lo outra vez, num gesto de luto? É nesse contexto que podemos identificar o olho não como o órgão que vê, mas como o órgão que chora. A formação do sujeito como sujeito com gênero é então moldada através de transações complexas entre a violência como momento originário e a violência que se infiltra nas relações correntes e se torna uma espécie de atmosfera que não pode ser expelida para “fora” (Das, 2016, p. 15).

Pensa-se, aqui, na escuta testemunhal como uma construção de comunidades de afeto. Bem como Karina Gomes Barbosa (2024) exemplifica em seu relato de experiência sobre o observatório *Ariadnes*: ao subverter a ordem de raciocínio, inverte-se a hierarquia de propósitos e prioridades. Portanto, o que antes era percebido dentro do projeto, como um fracasso, pela lógica quantitativa, passou a ser compreendido como a criação de uma comunidade afetiva em torno do testemunho e da confiança na escuta proporcionada pelo projeto.

Além de rememorar os detalhes do testemunho, para a produção de perfis, faz-se imperativa a captação do que não é usualmente recordado, ou não é tido – para o senso comum – como importante. Desse modo, ainda que haja dificuldades para o “expôr” e o “lembrar”, o relato deve ser registrado com fidelidade e riqueza de detalhes, ilustrando o que não se pode ver, mas é possível contar.

Ou ainda: o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. Essa tarefa paradoxal consiste, então, na transmissão do inenarrável, numa fidelidade ao passado e aos mortos, mesmo — principalmente — quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido. (Gagnebin, 2009, p. 54).

Aqui, a preocupação em narrar os fatos para além da violência vivenciada se dá através da ação fundamental de não reduzir as sobreviventes ao ocorrido. Maia, Rodrigues e Valente (2011, p.21), ao tratarem da cobertura de políticas públicas sociais pela mídia, destacam: “valer-se dos valores informativos como forma de captar a singularidade dos fatos e estruturar a atividade jornalística acaba por se tornar insuficiente”. As autoras comparam o fenômeno a uma manta curta, que só serve para cobrir os ombros. Isso porque, ao reduzir uma narrativa ao acontecimento que é tido como “principal” sob determinado ponto de vista, perde-se a complexidade dos fatos e fenômenos sociais que o circundam. Inclusive, ao limitar

uma história ao critério de relevância, corre-se o risco de negar as demais possibilidades dos seus desdobramentos.

Por fim, vale ressaltar a necessidade de aguçar a percepção e precisão; percepção no recebimento da informação e precisão ao retratá-la. Mais que absorver o que é contado no presente sobre o que ocorreu no passado, é interessante a percepção dos impactos que este passado tem no então presente. Assim, nasce a precisão do testemunho, já que segundo Jeanne Marie Gagnebin (2009), a fidelidade ao passado visa à transformação do presente:

A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (Gagnebin, 2009, p. 55).

5. O PRODUTO

Ao cursar a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, os estudantes de Jornalismo, da turma 20.2, tiveram de pensar em seus temas de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, me vi dividida entre duas possibilidades: a realização de um livro de perfis de mulheres que sobreviveram à violência, ou a execução de uma monografia, focada na análise da representação da memória e das interações pessoais na trilogia de filmes *Before Sunrise*, *Before Sunset* e *Before Midnight*.

Quando conversei com a professora que ministrava a disciplina, Natália Moura, logo tomei minha decisão. Ela explicou que eu poderia realizar as duas pesquisas, em momentos diferentes da minha vida acadêmica, e que recomendava aos alunos que escolhessem seus temas tendo em mente algo que perpassasse suas trajetórias enquanto estudantes e, mais que isso, indivíduos.

Sempre gostei de cinema e arte, como um todo. Faria o trabalho sobre os filmes com muito carinho e vontade. Mas, ao conversar com a professora, senti necessidade de falar sobre algo que me atravessou enquanto mulher, ainda muito nova: a violência de gênero. Ambos os temas são essenciais a suas áreas de estudo, mas o livro, com entrevistas e reflexões, me daria a possibilidade de ecoar outras histórias que, como a minha, não tinham sido contadas. Outras mulheres e eu teríamos o direito de cuidar de nossas feridas mal cicatrizadas. Escolhi.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 16)

5.1 PAUTA ESTENDIDA

Uma das principais intenções do produto (fora a contação de histórias para além das violências sofridas e a reflexão sobre as escolhas narrativas ao contá-las, já explicadas aqui) era criar um fluxo de leitura orgânico, que não sobrecarregasse o leitor ou despertasse gatilhos em outras sobreviventes. Assim, utiliza-se uma conexão de cada relato com um

trecho da música *Maria da Vila Matilde*, interpretada por Elza Soares, nos títulos e subtítulos dos capítulos, que são os perfis. Para que o leitor possa compreender um pouco mais sobre o relato que vem a seguir, o nome da sobrevivente - inventado, não verdadeiro - é o título do capítulo, enquanto o subtítulo é um trecho da música que serve como um prenúncio do tipo de violência ou do agressor que será retratado na história.

A canção fala do levante de uma sobrevivente de violência contra o seu agressor, ideia que condensa as histórias contadas no livro, de mulheres que venceram o ciclo violento de alguma maneira. Portanto, os capítulos são:

ESTELA

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

MARIANA

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180

HELOÍSA

Aqui você não entra mais

ISABELLA

Digo que é mimado, que é cheio de denego

PATRÍCIA

Eu digo que não te conheço

EMI LUARA

Mão, cheia de dedo

Já na disciplina de TCC 1, a orientadora Karina e eu demos início ao planejamento da execução do projeto. Realizei a primeira entrevista, com a nomeada Mariana, e redação do perfil. Depois disso, chegamos ao consenso de que, caso os demais perfis seguissem a média de páginas do primeiro, seriam necessários de cinco a sete perfis para compor o livro. Ainda

nesse semestre, produzi parte do memorial descritivo, compondo-o com seções da discussão teórica.

Ao passar para o segundo semestre, na matéria de TCC 2, o maior desafio: as fontes. Já estava divulgando o projeto nas redes sociais, com formulários e templates, que explicavam o propósito do trabalho e se colocavam à disposição das mulheres interessadas em participar.

Como este é um projeto muito delicado, tive em mente desde o início que não poderia exercer qualquer tipo de pressão sobre os agendamentos de entrevistas ou retornos das sobreviventes. Assim, houve o contato feito diretamente por algumas mulheres e a indicação realizada por outras pessoas, que conheciam mulheres interessadas, conversaram com elas e arranjaram a comunicação. As histórias retratadas foram vividas em diferentes estados do Brasil, como Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo.

Nesse processo, aconteceram reagendamentos de entrevista e interrupção no contato por parte de uma possível fonte. Em todo caso, respeitei o espaço das entrevistadas, mantive contato na medida do possível e me mostrei à disposição delas, caso fosse de interesse. Ainda que seja completamente compreensível o afastamento do projeto, o corte em contato e a distância do tema por parte das mulheres, esse foi um elemento de dificuldade ao longo da execução: a linha tênue entre ser convidativa ou invasiva; a necessidade de agilidade para entrega nos prazos e o bom senso de exercer o respeito ao tempo da fonte. Em todos os momentos, recorri à minha orientadora para uma segunda opinião de como lidar com cada situação. Mantivemos a decisão pelo respeito e pela tratativa ética para com as sobreviventes, sempre.

Os capítulos contam, em ordem, as histórias de Estela, uma idosa fascinante e esclarecida, sobrevivente de violência doméstica; de Mariana, uma mulher amável e paciente, que venceu relacionamentos abusivos, violência psicológica e física; Heloísa, jovem adulta perspicaz e livre, que também vivenciou relacionamentos tóxicos, com violências psicológicas e sexuais; Isabella, outra jovem adulta, sonhadora e doce, sobrevivente de violência e assédio sexual no ambiente de trabalho; Patrícia, uma mulher divertida e cuidadosa, sobrevivente de abuso sexual dentro da própria família; Emi Luara, de 22 anos, a jovem adulta que narra os demais relatos e passou por violência sexual na infância.

Contar meu relato sobre uma violência experienciada logo cedo não foi uma escolha editorial feita no início do planejamento do livro, mas uma necessidade que emergiu conforme o seu caminhar. A decisão concreta surgiu com o apoio e acolhimento da orientadora Karina.

5.2 PROJETO GRÁFICO

Em conjunto com Gabriely Lopes, a designer que deu vida ao *eBook*, ou seja, ao livro eletrônico de *Eu lembro e aos poucos procuro esquecer*, pude criar uma identidade visual fluída e minimalista, para que nenhum elemento ou imagem se interpusesse ao texto dos relatos, que é o primordial.

Na “banquinha”, avaliação relativa à finalização do TCC 1, a professora Hila Rodrigues me recomendou a leitura de Joan Didion, disse que minha escrita a fez lembrar de algo na escrita da autora e que suas obras poderiam me servir de auxílio ao encontrar meu toque enquanto escritora. Adquiri o livro *O ano do pensamento mágico*, que rapidamente se tornou um dos meus favoritos. Sendo assim, ao pensar o design do *eBook*, quis fazer uma referência à edição do livro que me marcou, publicada pela Harper Collins. No mesmo dia em que adquiri o livro, comprei também a autobiografia da Rita Lee, artista que admiro há tempos. Da leitura das duas obras, nasceu a ideia de inspiração para o livro. A cor comum em ambos: laranja. A combinação de imagens abaixo contém algumas das fotografias enviadas à designer como referência do projeto, ela abraçou a ideia e começamos a trabalhar.



Figuras 1, 2 e 3 - Combinação de referências visuais

Ao formular os elementos do projeto gráfico, escolhi as fontes Oswald, para títulos e destaques, e Quicksand, para o texto corrido, ao passo que Gabriely sugeriu a utilização da fonte Montserrat, que serviu ao uso de itálico no texto. Toda a seleção da tipografia teve como principais considerações a legibilidade e a fluidez textual para o leitor.

Também pensando na facilidade e foco de leitura, o livro utiliza elementos textuais e de coloração de forma alternada. Por exemplo: os olhos no texto, ou seja, os destaques nas falas das personagens, são editados à esquerda e à direita, intercaladamente. O mesmo acontece com as páginas sem texto coloridas, que alternam entre verde e laranja, e com as próprias páginas iniciais de cada capítulo, que levam o título e subtítulo.

A capacidade de olhar para a tela de um computador, com plena convicção e afirmar “esse espaçamento não está do tamanho de um dedo mindinho”, veio com o tempo. Depois de acostumar-se à produção do projeto gráfico, fica fácil bater o olho e perceber quando algo está fora da padronização, processo que requer muito carinho e uma revisão realizada centenas de vezes, colocando cada detalhe, de fonte, cor, espaço e forma no lugar.

Dessa maneira, a ideia da obra como autoral, planejada e atemporal traz escolhas editoriais mínimas, que é o caso dos itálicos estratégicos nos subtítulos dos perfis, tanto para destaque quanto para diferenciação das informações oferecidas; ou do estilo da numeração de páginas, que provoca a sensação de dinamismo. Pensando em uma futura diagramação do livro físico para o momento após a defesa, há contato com mais uma designer. Ela poderá utilizar também as referências visuais indicadas e as demais criadas para o material eletrônico.

6. DIÁRIO DE BORDO

Como dito anteriormente, dediquei a disciplina do TCC 1 a reflexões teóricas e bibliográficas deste memorial descritivo, e também realizei a primeira entrevista, decupagem e redação de um perfil. Durante o TCC 2, distribuí as demais entrevistas, organizei a parte prática, textual e gráfica.

Eu sempre fui o tipo de estudante que tomava a frente dos projetos e assumia um tipo de liderança, se fosse necessário. Nunca foi um movimento que requeresse muito esforço ou tivesse dificuldade, já era algo natural. Fui editora de texto no Jornal Lampião, editora de texto e subeditora de fotografia na Revista Relato e editora-chefe na Revista Curinga, todas da Universidade. Ainda tive vários estágios e aproveitei cada minuto de todos eles. Assim, sempre pensava que a parte mais tranquila da graduação seria o TCC, eu lembro de dizer: “Vou trabalhar sozinha, vai ser o mais fácil”. Erro gigantesco!

A aluna que sempre foi vista como alguém bacana, mas bem chatinha quando se tratava de laboratórios em grupo, que organizava os trabalhos em equipe e tentava fazer a parte dos que não faziam, escolheu um trabalho extremamente coletivo, em que cada participante funciona como uma engrenagem do todo e é completamente importante para o resultado final.

Vale lembrar que, no intervalo de tempo entre uma disciplina e outra, as universidades federais entraram em greve, o que modificou a organização dos semestres, paralisando todas as atividades. Utilizei parte desse tempo para a realização de contatos e pré-apurações, que em determinados casos, precisavam de horas ou mais de um dia de diálogo, pensando na disponibilidade e bem-estar das entrevistadas.

A entrevista com Estela foi uma das mais sucintas. A idosa, sem precisar de muitas perguntas, compartilhou com sabedoria e emoção mais detalhes sobre sua vida do que muitos jovens conseguiriam lembrar ou saberiam transmitir com tanta eloquência. Antes de nossa conversa, o título inicial escolhido para o livro era “Como contar nossas histórias?”. Karina já havia expressado incômodo em relação ao nome, já que ele não era marcante o suficiente e nem passava a ideia do livro como um todo. Refletimos muito sobre um possível título, compreendi que a obra não existia para ensinar necessariamente “como” contar, mas para basicamente fazê-lo, para contar. Portanto, fiz uma lista com frases importantes retiradas dos

relatos e quando parei no trecho “*Eu lembro e aos poucos procuro esquecer*”, me encantei. Relendo o perfil de Estela, percebi que a fala não se referia à violência principal da qual trata sua história, mas falava de outro grupo de violências vividas e transpassava as conversas que tive com as sobreviventes - e também meu próprio sentimento em relação ao meu relato - : a vontade de esquecer.

Já a conversa com Mariana foi a mais longa, utilizamos várias horas divididas em dois dias diferentes. No início, senti que precisava estimulá-la com perguntas que pudessem conduzir a narrativa, já que ela estava contando acontecimentos isolados, sem uma cronologia que os unisse. Mesmo assim, pouco estímulo foi necessário para que ela rapidamente organizasse uma linha do tempo e narrasse os fatos com muita calma e delicadeza. Paciente, Mari tirou minhas dúvidas, explicou cada situação e contou sua história como se fosse um livro, e eu, como ouvinte, me senti dentro de cada cena.

Heloísa foi a segunda entrevista mais longa. No mesmo dia, tivemos dois momentos separados em que, por horas, partilhamos a sua história. A maneira dela de ver o mundo e a clareza sobre seus traumas me fez sentir compreendida, mesmo que ela não conhecesse a minha trajetória com a violência de gênero. Ainda que eu não contasse a ela o que me aconteceu, a forma com que ela me contou o que aconteceu estimulou que eu fizesse, em certo grau, às pazes com a minha criança interior, adultizada e sexualizada, mas não culpada. Ademais, sua consciência na narrativa desmistifica a ideia do “lugar de onde vem a violência” e ajuda na libertação da sobrevivente dos padrões sexistas de culpabilização.

O diálogo com Isabella aconteceu por um aplicativo de mensagens e também durou mais de um dia. O meio de comunicação se deu devido ao receio que sua família pudesse escutá-la, caso falássemos por ligação. Estávamos em cidades diferentes e essa foi a melhor forma que encontramos: ela utilizou intervalos no trabalho para me enviar áudios contando a história, que não ficou devendo em nada. Sua contação rica em detalhes foi profunda, acompanhei cada áudio torcendo por ela em momentos que já haviam passado, como se eles acontecessem na hora em que ela me contava. Eu redigi e esperei as próximas mensagens, que Isabella, extremamente gentil, enviou e complementou, colocando-se à disposição.

A entrevista mais curta foi com Patrícia. Direto ao ponto, ela me contou sua trajetória, sem romantizações da violência ou outras idealizações, apenas o que ocorreu em sua infância, juventude e maturidade. Por ter uma personalidade mais prática, essa foi a conversa em que eu mais fiz perguntas, para extrair detalhes e conseguir contar a história para além da

violência. Em diversos momentos, ela riu e me fez sorrir. Mesmo sendo mais fechada, Patrícia tem um senso de humor leve e muito conhecimento do que acontece ao seu redor. Suas lembranças são expressivas e seu relato acontece de forma muito verdadeira.

O meu capítulo foi o mais demorado para escrever, não porque eu não soubesse como fazê-lo, mas porque tocar nessa ferida novamente seria doloroso, e eu sabia. Escrevia trechos do relato, em ordem cronológica e, migrava para outra função no projeto, repetidas vezes, até que consegui chegar ao fim. O processo de redação foi incrivelmente intenso e me vi indo às lágrimas algumas vezes, sem nem mesmo perceber, só notava quando parava de redigir. Algo que me ajudou foi fazer uma lista de tópicos com os acontecimentos principais, pelos quais teria que passar. Assim, consegui escrever o texto no meio dos pontos e dar pausas entre um e outro. Sempre sinto que falta falar sobre algo. Sim, faltava tratar de coisas que, para me defender, acabei guardando bem longe e tentando esquecer. Acho que esse é o resumo: *Eu lembro e aos poucos procuro esquecer*. Consegui passar por esses pontos e, no fim, o ato de pensar em escrever era mais difícil do que o de escrever realmente.

Todos os relatos tiveram efeito sobre mim. São narrativas vívidas, que colocam o espectador dentro das cenas e o fazem sentir como se estivesse lá. Também acho importante ressaltar que nenhuma das histórias trata de violências individuais e isoladas. Todas essas mulheres narram mais de um caso, mais de um agressor e mais de uma situação de agressão, seja física, sexual, racial, psicológica, verbal, doméstica, etc. Em muitos casos, a mesma violência corresponde a mais de um tipo.

7. ANÁLISE DO RESULTADO

A perspectiva de um rompimento com a representação unilateral de discursos é apresentada por Adichie (2019). Nesta pesquisa, composta por produto e memorial descritivo, fica evidente a urgência em expandir horizontes para a abordagem contra-hegemônica ao traçar uma narrativa, descartando a culpabilização e invisibilização das mulheres.

Ao longo da produção, sobreviventes - que participaram deste projeto ou não - entraram em contato para reforçar a importância de iniciativas como esta e para me encorajar a seguir firme. Mesmo pessoas próximas a mim, na vida cotidiana, tiveram liberdade (que antes não tinham) em partilhar experiências que eu jamais imaginaria.

Sendo assim, a pesquisa faz-se relevante pela capacidade de contribuir na produção de conhecimento na área da comunicação. Isso porque, além de fomentar a reflexão sobre a cobertura midiática em casos de violência de gênero e auxiliar um processo ético de representação feminina, ela opera para que o poder sobre as histórias de sobreviventes pertença somente a elas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresenta como resultado final a produção de um livro de perfis, que tem como tema central as histórias de sobreviventes de violência de gênero. Desde a escolha do tema, a intenção foi não focar apenas na violência sofrida, mas possibilitar que essas mulheres tratassem de todos os temas - relativos às suas trajetórias - que desejassem, levando em consideração seus traços de personalidades e escolha em expô-los ou não.

O processo de apuração, redação e entrevista foi cansativo e esplendoroso, simultaneamente, por demandar muito esforço e retribuir com tanto aprendizado. Cada história e sobrevivente exigiu uma abordagem diferente, com mais ou menos perguntas, com escritas mais detalhadas ou intensas, e com distintos picos de emoção.

Na banquinha de TCC 1, a professora Hila comentou que sentia que eu estava encontrando “meu tom jornalístico”, ao ler parte do material. A produção, tanto deste memorial quanto do livro de perfis, me transformou enquanto profissional. Parar para refletir sobre o quão acessível tem de ser um texto, aperfeiçoar a legibilidade e o projeto gráfico pensando no leitor e levar em consideração para quem escrevo e, mais que isso, sobre quem escrevo, foram escolhas que me tornaram melhor. Hoje, tenho outra visão do fazer jornalístico e de trabalhos extensos, que demandam perseverança e afincos. Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto, por ter me ensinado tanto nesse tempo e por ter feito com que eu pudesse, pelo menos, encontrar um pouco do “meu tom”. Estou ansiosa para as próximas aventuras jornalísticas e para descobrir, cada vez mais, qual é este tom.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Chão da Feira, Caderno n. 78, p. 1-16, 2018.

CORREIA, João Carlos. **A construção social da realidade**: por um modelo integrado. In: CORREIA, João Carlos. Teoria e crítica do discurso noticioso: notas sobre jornalismo e representações sociais. Covilhã: LabCom Books, 2009, p. 169-184.

DAS, V. **O ato de testemunhar**: violência, gênero e subjetividade. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 37, p. 9 - 41, 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOMES BARBOSA, Karina. **Adriana Negreiros**: por uma ética feminista da narrativa testemunhal. Ariadnes, 2023. Disponível em: <<https://ariadnes.org/2023/07/25/adriana-negreiros-por-uma-etica-feminista-da-narrativa-testemunhal/>>.

GOMES BARBOSA, Karina. **Ariadnes**: Percursos e Experiências. Relato de experiência - graduados, mestres e doutores. Anais do 23º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.abejor.org.br/?anal=ariadnes-percursos-e-experiencias>>.

GOMES BARBOSA, Karina; VARÃO, Rafiza. **A instável verdade nos testemunhos sobre estupro na seção ‘Eu, leitora’ da revista Marie Claire**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, [S. l.], v. 15, n. 3, 2021. DOI: 10.29397/reciis.v15i3.2319.

LOPES, Daniela da Silva. **Ainda Somos Bruxas**: a legitimação social da “fogueira” para as mulheres que fogem ao papel social a elas atribuído. As muitas faces da violência contra a mulher na perspectiva de gênero [recurso eletrônico] / organização Luciene Medeiros. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

MAIA, Marta Regina. **Perfis no jornalismo**: narrativas em composição. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

MAIA, Marta Regina. **Tópicos em Jornalismo**: redação e reportagem. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora insular, 2021.

MAIA, M.; RODRIGUES, H. B. S.; VALENTE, A. P. de M. A. **Como repensar o jornalismo a partir da pauta social**: reflexões sobre desafios da cobertura de políticas públicas sociais pela mídia. Revista Publicatio, v. 19, p. 17-25, 2011.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. Tradução de José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MIRANDA, Cynthia Mara. **Violência contra a mulher na mídia e os descaminhos da igualdade entre os gêneros**. Revista Observatório, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 445–464, 2017. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p445.

PAN, Raquel; RESENDE, Isabella Luiz; CARVALHO, Stefano Lúcio Magalhães de; OLIVEIRA, Fabiane Cristina Santos de; PARREIRA, Bibiane Dias Miranda. **Representação da mulher vítima de violência por queimaduras pela mídia digital brasileira**. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, vol. 9, núm. 2, 2021. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil.

Revista AzMina. Disponível em: <<https://azmina.com.br>>.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local do testemunho**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 03–20, 2010.

SILVA, K. G. B. da; CARVALHO, R. L. V. R.. **Erro, dúvida e jornalismo generificado: um olhar sobre a cobertura de estupro a partir da reportagem A Rape on Campus**. Brazilian Journalism Research, v. 14, p. 12-29, 2018.

SOUZA LEAL, Bruno; ANTUNES, Elton. **Os desafios de dizer: aproximações ao testemunho midiático a partir de notícias sobre violência contra a mulher no Brasil**. Chasqui 137, 2018, p. 277-295.

SOUZA LEAL, Bruno; CAMARGOS MENDONÇA, C. **Dilemas da visualidade jornalística das violências contra pessoas LGBTQ+ e contra mulheres heterossexuais no Brasil**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, [S. l.], v. 13, n. 2, 2019. DOI: 10.29397/reciis.v13i2.1707.

SULLIVAN, Sian; SPICER, André; BOHM, Steffen. **Becoming global (un) civil society: counter-hegemonic struggle and the Indymedia Network**. Globalizations. v.8, n.5, 2011.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis (e como escrevê-los)**. São Paulo: Summus, 2003.